

## Vila 23 de Agosto<sup>1</sup>

Bárbara TANAKA<sup>2</sup>

Francisco Rocco Stainsack ROCHA<sup>3</sup>

Giulia El Halabi LAVALLE<sup>4</sup>

Roberta Hoshiguti de CARVALHO<sup>5</sup>

José Carlos FERNANDES<sup>6</sup>

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

### RESUMO

Através de retratos jornalísticos e da fotografia, uma imersão em uma das 254 áreas de ocupação irregular de Curitiba – a Vila 23 de Agosto, situada no bairro do Ganchinho, nas “franjas” da cidade. Habitada por 600 famílias, algo próximo de 2,4 mil pessoas, a “23” nasceu em 1991, dos movimentos sem-teto ligados às Comunidades Eclesiais de Base (Ceb) da Igreja Católica. Próxima do Ribeirão dos Padilhas – o que a torna sujeita a alagamentos – e a áreas de despejo de caliças da construção civil – a vila carregou o estigma da miséria, da violência e do isolamento. Fez-se pela força da organização comunitária, da pressão popular e pela ação de mulheres organizadas em associação, o que a torna um núcleo peculiar – a regularização fundiária da comunidade em 2015, obtida depois de 24 anos de espera.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotojornalismo; urbanismo; comunidade; habitação; sociedade.

### 1 INTRODUÇÃO

O projeto “Vila 23 de Agosto” surgiu como exercício final da disciplina de Redação Jornalística 1, ministrada pelo professor José Carlos Fernandes, no segundo semestre de 2015, para um grupo de 4 alunos do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. A Vila 23 de Agosto foi escolhida dentre as duas centenas de ocupações irregulares de Curitiba por força de um fato histórico para a comunidade: o encerramento do processo de regularização fundiária da região, em 2015, depois de 24 anos de negociações com os proprietários, assinatura de consórcios e trâmites da burocracia municipal.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em Fotojornalismo.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 3º. semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, email: btanakaa@gmail.com.

<sup>3</sup> Estudante do 3º. semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, email: chicorocha97@hotmail.com.

<sup>4</sup> Estudante do 7º. semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, email: giuliahlabi94@gmail.com.

<sup>5</sup> Estudante do 3º. semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, email: robertahoshiguti@gmail.com.

<sup>6</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, email: josecarlosfernandes@terra.com.br.

Somou-se a esse imperativo – o da notícia – o fato de que a “23” constitui um desafio para a cobertura jornalística de cidades, habitação e comunidade. Ainda que na aparência a vila lembre a maioria dos bairros empobrecidos das periferias brasileiras, o local é um platô privilegiado para se observar os efeitos da organização comunitária e como essa organização serve de inibidor da informalidade, da violência e da privação de direitos. O poder popular na “23” mexeu com o desenho urbano da vila, e esse é o ponto (FERNANDES, 2015).

Embora o local faça parte do grande movimento de reivindicação por habitação popular registrado na capital paranaense – com inícios a partir da década de 1950 – a “23” se difere das demais na origem, por ter nascido, em 1991, de uma articulação entre Comunidades Eclesiais de Base (Cebs), grupos sem-teto e estímulo ao protagonismo – em especial das mulheres, maioria nas lideranças locais, o que, numa observação parcial, não se registra em áreas favelizadas similares na capital paranaense.

Da soma dessas variantes, a “23” emerge como o lugar ideal para fugir de vícios e exercitar rupturas na cobertura fotojornalística de comunidades e de habitação. O local – uma vila pequenina, encravada entre uma avenida comercial (a “Eduardo Pinto da Rocha”), a linha do trem, o Ribeirão dos Padilhas e um dos mais bem-sucedidos projetos habitacionais populares da capital paranaense, o chamado “Bairro Novo” – não se presta ao “coitadismo”, mas a análises sobre o alcance político e social da organização comunitária (BOLETIM, 2006).

Captar mais a injustiça sofrida pelos moradores do que a reação à pobreza e à exclusão é uma atitude recorrente da imprensa, nesses casos. Quando não, no sentido oposto, cede à “rotulação” própria do jornalismo policial de baixa qualidade, na linha “espreme que sai sangue”. Comunidades, nesses casos, ficam resumidas a zonas violentas e de baixa urbanização (RAMOS. PAIVA, 2007).

Propôs-se aos repórteres fotográficos uma mentalidade mais arrojada. Que não se aplicasse ali o imaginário da classe média, usando-o como régua para definir o que falta a uma comunidade, como se as expectativas de um e outro grupo fossem as mesmas (AUGÉ, 2010). Não se vai a uma comunidade para sentir “pena” do que ela não tem, mas para entender o que ela procura. Pisar em um lugar como a 23 de Agosto é ser desafiado a entender os mecanismos da organização política e social que nasce de cidadãos comuns, envolvidos na luta pela habitação e que reivindicam seu direito à cidade (LEFEBVRE, 2001).

Nessa perspectiva, foram trabalhados com os alunos conceitos como “vínculo comunitário”, “organização popular”, “ocupações irregulares”, “favelização”, “regularização fundiária”, “gentrificação” – tendo como cenário o jornalismo cidadão e seus desdobramentos (TRAQUINA, 2008). Em encontros de preparação para a inserção – ocorrida em dezembro de 2015 – partiu-se do estudo de caso da “23 de Agosto” para pensar o panorama da habitação popular na capital paranaense, suas implicações – a convivência com as bocas-de-fumo, por exemplo –, e o cabo de força que estabelece entre poder público e comunidades (MARTINS, 2014).

A intenção era alterar as condições do mundo a partir da insaciabilidade do olhar fotográfico (SONTAG, 1977), mostrando que nem todas as comunidades favelizadas são iguais, erro comum na imprensa ao se embrenhar por espaços com os quais não tem vínculo (RAMOS. PAIVA, 2007). A premissa é que só se pode conhecer esses passos via participação, confiança, dando-lhes tempo, entre outras rotinas que fogem à lógica industrial do jornalismo convencional (AMARAL, 2006). Para tanto, o primeiro passo foi traçar um diagnóstico da habitação em Curitiba, estabelecendo marcos, como a criação do primeiro grande projeto habitacional do governo federal, com intuito de desfavelização, a Vila Nossa Senhora da Luz, em 1966; a Geada Negra, em 1975, evento que trouxe grandes levadas de órfãos dos cafezais paranaenses para a capital; a onda de ocupações e geração de bolsões habitacionais em boa parte da década de 1980 (BOLETIM, 2006); chegando às políticas habitacionais de “tiro curto”, praticadas na última década com o programa Minha Casa, Minha Vida.

A “23”, a propósito, parece um “BNH” antigo, modelo que os moradores seguiram na hora de erguer suas casas, mas está cercada de conjuntos habitacionais mais recentes, nascidos para fins de reassentamento – feitos para os moradores, literalmente, “dos” banhados do Ribeirão dos Padilhas; e pelos imensos blocos de apartamentos financiados pelo Programa de Aceleração do Crescimento, o PAC, do governo Dilma Rousseff. De área quase rural, em cinco anos o Ganchinho – bairro da “23” – virou uma cidade síntese dos dilemas e das saídas para a habitação popular (FERNANDES, 2015).

Na sequência dessas análises, arquitetou-se a imersão na Vila 23 de Agosto, para desenvolvimento de pautas e entrevistas através do hábito da fotografia jornalística. No total, as fotografias formam uma grande reportagem, um “especial” produzido por um grupo de alunos, de forma a reiterar quesitos básicos do bom jornalismo: a experiência da rua; a sociologia do espaço urbano – de modo a ultrapassar o fato, ao ater-se não apenas ao

que acontece, mas o que está acontecendo (SODRÉ, 2009); a percepção de contextos e o engajamento junto às narrativas urbanas do tempo presente, a habitação – e o que implica – entre elas (DAVIS, 2006).

## **2 OBJETIVO**

- Reportar o cotidiano de uma ocupação irregular no momento exato de sua passagem da informalidade para o da regularização fundiária.
- Praticar a imersão na cidade, em contato com a população, criando vínculos a partir da empatia do olhar fotográfico nos moldes do jornalismo cidadão e seu “braço” no jornalismo popular e comunitário.
- Estudar uma área de conflito da cidade, alternando o debate teórico sobre habitação e urbanismo e a própria experiência da fotorreportagem.

## **3 JUSTIFICATIVA**

À revelia do reconhecimento dos feitos de Curitiba no plano urbanístico, a capital paranaense experimenta conflitos notáveis no campo do direito à habitação. Estima-se que um a cada cinco moradores da cidade vive em sub-habitações, não raro instaladas em algumas das mais de 200 ocupações irregulares do município. Estão espalhados pelas divisas com os 14 municípios limítrofes, parte da Região Metropolitana de Curitiba, na imensa Zona Sul e em bolsões no meio de bairros como Cajuru e Uberaba.

Dois desses espaços favelizados são muito presentes no imaginário urbano – a Vila das Torres e a Vila Parolin, ambos surgidos em meados da década de 1950, quando Curitiba – então com algo próximo de 300 mil habitantes – passa a receber o saldo da crise anunciada da cultura do café no interior do Paraná. Não são os únicos endereços da pobreza, mas servem de ponto de partida para pensar a luta sem-teto na região (FERRARA. DUARTE. CAETANO, 2007).

Se na década de 1950 as favelas surgem como novidade – e são encaradas pelo viés higienista –; na década seguinte – a de 1960 – Curitiba vai, por tabela, sofrer o impacto nacional do inchaço das cidades e do modelo econômico adotado após o golpe militar de 1964. Paralelo vai ter, também, a sua própria crise, a cada nova geada no campo, a cada nova troca do café por outras culturas, como a soja, seguida de correntes migratórias rumo à capital.

Esse contingente fez da hoje extinta Favela do Capanema (da qual a Vila das Torres é a parte que sobrou e onde hoje está um dos cartões-postais locais, o Jardim Botânico) um símbolo dos impasses habitacionais da cidade que passa a crescer na casa dos 7% por ano, sem fôlego para gerir saúde, educação, habitação, transporte e segurança para seus novos moradores. Lado a lado a esse dilema urbano, a mesma cidade que via surgir novas ocupações a cada semana se destacava por seus calçadões, parques, canaletas exclusivas para transporte público, entre outras inovações que empalideceram, de alguma maneira, o debate habitacional – até porque era um problema invisível para quem vivia nas áreas nobres, da Zona Norte, justo as que fizeram a fama mundial da capital paranaense (FERRARA. DUARTE. CAETANO, 2007).

A partir de 1975 – quando a chamada Geada Negra pôs fim à era do café no Paraná – o déficit habitacional perdeu o controle. A essa altura, o setor público de habitação buscou alternativas ao modelo “BNH”, de conjuntos populares, aqui traduzido, de forma simbólica, na pioneira Vila Nossa Senhora da Luz (no bairro CIC), seguida das vilas Oficinas (Cajuru) e Esperança (Atuba). As ocupações se tornam mais rápidas e populosas que a capacidade dos governos. É nesse cenário que se forma o grupo que vai fazer da “23 de Agosto” um espaço em particular em meio à panela de pressão da habitação (BOLETIM, 2006).

Se parte dos sem-teto morava em favelas, em fundos de vale, à beira dos muitos rios rasos de Curitiba – como o Guaíra, o Palmital, o Belém, o Ivo e o Ribeirão dos Padilhas –, outra pagava aluguel em bairros populares como Xaxim, Alto Boqueirão e Pinheirinho. No Xaxim – antiga região de chácaras e por décadas a bacia leiteira da região – forma-se uma vila específica de expulsos das lavouras de café, pós-Geada Negra, a Vila São Pedro. Os moradores foram basicamente despejados naquelas divisas, beneficiados apenas por uma bica de água.

É senso comum que a organização trazida das lavouras de café – nas quais havia clubes de futebol, escolas e até cinemas – forçou a reação dos novos moradores. Eles mesmos instalaram manilhas, praças e redes de solidariedade. A presença dos núcleos das Comunidades Eclesiais de Base (Cebs) reforçou o senso de militância. Produto tanto da Ação Católica – método pastoral pró-ativo incentivado pela Igreja no período anterior ao Concílio Vaticano II – quanto da Teologia da Libertação, as Cebs instigavam à reação comunitária, organização e pressão política. Seu espírito era o de implantar a Terra Prometida aqui, e não esperá-la na eternidade, como se entendia na piedade tradicional.

Embora não só, foi da Vila São Pedro, no Xaxim, que saíram – a bordo de Kombis alugadas e caminhões –, na meia-noite de 23 de agosto de 1991, o grosso das famílias que ocuparam uma área entre os bairros do Ganchinho, Umbará e Sítio Cercado. A narrativa da ocupação – viva na comunidade – é feita como uma liturgia e lembra o Êxodo bíblico, rumo a Canaã. Diferente das primeiras ocupações, como a da Vila das Torres, na “23” (nome mantido apesar das investidas de que se passasse a chamar Vila Madre Teresa da Calcutá) os arruamentos foram programados, assim como a divisão dos terrenos. Entre as famílias, fotos da primeira semana na área, debaixo da lona preta, são relíquias, emolduradas e presas à parede.

O efeito mais instantâneo dessa origem organizada é que, na contramão de muitas ocupações, a “23” não se favelizou – pelo menos não a parte organizada pelo movimento sem-teto e lideranças católicas. Há dois anos, quando as ruas foram pavimentadas, não havia casas designadas como favelas, mas moradias de alvenaria, com jardim na frente. Em várias delas, pés de café nos pequenos quintais, sinalizando de onde vieram aqueles moradores, do Norte Pioneiro e do Norte Novo, depois de julho de 1975 (FERNANDES, 2015).

Por essas características, a Vila 23 de Agosto é um território sob medida para a inserção jornalística (NOBLAT, 2002) e, por extensão, ao fotojornalismo (KOSSOY, 2001). Representa um desafio. A comunidade não se rende a diagnósticos ligeiros e previsíveis sobre favelização ou violência – ainda que tenha provado desses dois efeitos colaterais, em algum momento de suas duas décadas de história. Integrar-se ali exige entender que nem todas as regiões pobres são iguais. Ainda que na aparência soem monótonas, cada ocupação tem uma gênese, que cabe ao jornalista conhecer, de modo a não reduzi-la a um único fenômeno, “chapando-a” apenas como periferia, um rótulo que subestima a memória e a história desses territórios (RAMOS. PAIVA, 2007).

É desse entendimento que começa a fotorreportagem ali realizada. Os estudantes passaram pela escola, pela associação de moradores, bateram palmas na porta das casas e circularam nas ruas, no esforço de entender o que faz da “23” a “23”, um caso único entre as 254 ocupações. A máxima vale para todas as outras comunidades. Essa é a síntese do jornalismo de habitação (BONI, 2014).

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Para a imersão na Vila 23 de Agosto, usou-se:

- 1) **Uma mescla de procedimentos jornalísticos tradicionais** – discussão coletiva das pautas, definição de enfoques, de hierarquias, linguagem e imagem; e recursos próprios do jornalismo popular – busca de lideranças locais, para conversas prévias, a exemplo da líder da Associação de Moradores, o diretor da escola municipal e os agentes do posto de saúde (PENA, 2007).
- 2) **Definição conjunta do projeto** – uma vez levantadas as possibilidades de pautas, decidiu-se pelas que poderiam melhor dar conta do universo estudado, com que recorte tratá-las (questões de habitação, vida em sociedade, lazer, política, comportamento), sempre com o cuidado de que todo o grupo tivesse ciência do que cada repórter fotográfico está prospectando e apurando (NOBLAT, 2002).
- 3) **Jornalismo “de rua”** – o “coração” do projeto foi experimentar o contato com os moradores – na maioria dos casos de forma espontânea, flagrando-lhes o cotidiano –, de modo a reafirmar a conversa, *in loco* com a fonte, como uma lógica e uma prática própria do jornalismo. É insubstituível, quanto mais em projetos dessa natureza, que os retratados também mergulhem na cena para a experiência fotográfica, transformando-a em *picture stories* – ou histórias em fotografia. Estar junto, fazer perguntas, também era apresentar as lides do jornalismo, em especial para os menos engajados no universo da notícia (BRUM, 2008).
- 4) **Adequação ao panorama da web** – embora o projeto tenha sido pensado com as matrizes do jornalismo impresso e do livro-reportagem, buscou-se estendê-lo ao universo da internet. Daí a produção de galerias de fotos, de modo a convidar o leitor à navegação pela Vila 23 de Agosto (BONI, 2014).
- 5) **Os autores que embasaram a ação teórica** foram Nelson Traquina – referência em jornalismo cidadão; a estudiosa de jornalismo popular Márcia Franz Amaral; Ricardo Noblat – entusiasta no Brasil nos preceitos do Modelo de Navarra, que propõe um jornalismo centrado no leitor real; e Muniz Sodré, que com sua “teoria do acontecimento” propõe pensar o jornalismo para além do fato, do valor-notícia, de modo a desafiar o repórter a perceber diante de qual fenômeno está.

## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO



O projeto de inserção na Vila 23 de Agosto – realizado na primeira semana de dezembro de 2015 – resultou em mais de 400 fotografias assinadas entre quatro repórteres, alunos da disciplina Redação Jornalística 1. Dentre as 400, uma dúzia foi selecionada e editada – com a intenção de trazer olhares peculiares acerca da ocupação regularizada, que se desenvolve humanisticamente a partir da sequência.

Na composição, foi pensada na ideia de “descer a rua” – expressão que retoma o hábito pacato do *flâneur* que está a observar o mundo de maneira descompromissada, mas que secretamente clica, atento aos detalhes, pequenas visões e momentos imersos no cotidiano. Seguindo essa lógica, o projeto fotojornalístico buscou trazer, antes de tudo, olhares sob a transformação da “23” – olhares esses que permeiam o processo habitacional comunitário de regularização política e identitária. Entre o retrato dos estranhos olhares dos moradores – humanos ou animais –, o elemento identitário dos números das casas e as características sociohistóricas que movem o universo intimista da Vila 23 de Agosto, houve o resgate da composição artística no ensaio fotojornalístico pelo contato e a experiência do jornalismo “de rua”: a apuração em campo, a conversa e o movimento retratados em imagem estática.

A seleção e produção das fotografias aconteceram por parte dos quatro repórteres em campo, proporcionando registros de diferentes olhares. A edição foi feita pela aluna líder, na tentativa de trazer a atmosfera da Vila 23 de Agosto através da imagem.

## 6 CONSIDERAÇÕES

A primeira impressão dos estudantes de Jornalismo ao pisar na pequena Vila 23 de Agosto era a de que estavam diante de uma comunidade modesta, como tantas outras da cidade. De que se deduz que o local não representava nenhum desafio jornalístico.

Exceto na margem dos Ribeirão dos Padilhas – onde é possível perceber marcas deixadas pela retirada das famílias que viviam em zona de risco, hoje moradores de reassentamentos – sobraram poucos indícios dos tempos de favela. Embora ainda seja possível encontrar as chamadas sub-habitações, a maioria das 600 casas da vila são de alvenaria. Há jardins e hortas – e o onipresente pé de café, sinalizando que os moradores vieram da cultura cafeeira do Norte do Paraná, a partir de 1975, ano da fatídica Geada Negra.

Se a reportagem mostrou aos repórteres que a organização popular impediu a favelização – comum em áreas de ocupação que estão entregues à informalidade – os quatro



ensaios fotográficos foram ainda mais longe: exploraram camadas profundas das histórias vividas por aquela comunidade. Da chegada na madrugada de 23 de agosto de 1991, quando as lonas pretas foram instaladas no grande campo onde se jogava calça da construção civil, passando pelo fortalecimento das relações comunitárias e por todas as lutas – a do transporte público, a da escola, a do asfalto.

Nesse sentido, esse ensaio de fotojornalismo é exercício de memória, de reportagem, mas sobretudo um laboratório de jornalismo de cotidiano (KOSSOY, 2001). Perceber a cor de uma janela, uma horta na calçada, os cachorros soltos, a conversa fiada no muro – entre tantas cenas do dia a dia – é uma forma de afirmar, pela imagem, que a Vila 23 de Agosto se tornou um lugar e território, no sentido de espaço amado e espaço de troca (LEFEBVRE, 2001). As relações dos moradores com a comunidade não se resumem ao ir e ao vir, à lógica da cidade dormitório. São relações significantes (MARTINS, 2014).

A provocação da produção fotojornalística na região está em dizer que por trás da aparente normalidade – um lugar que parece uma velha Cohab, mas é uma ocupação recém-regularizada pelo poder municipal – o que se tem é um lugar (AUGÉ, 2010), nascido da entrega de boa parte de seus moradores. Trata-se de um espaço sobre o qual se contam histórias, histórias que dão sentido à vida dos moradores. A cidadania – expressa na consciência de que ter uma casa é um direito – se expressa em discursos, mas também em imagens.

Há dois anos, quando o asfalto chegou à Vila 23 de Agosto, sumiram as ruas que pareciam a crateras lunares e, então, pode-se ver melhor que ali construiu uma pequena cidade. Há bancos na calçada, frases de boas vindas, sobrados triplex e habitações ainda bem longe de se prestarem a receber gente. Os sinais estão dados em cada fachada – formam uma paisagem urbana, que pede para ser decifrada. A Vila 23 de Agosto não é a mesmice da periferia, é um capítulo da história da periferia de Curitiba. A fotografia se presta a nos fazer prestar atenção no que está “dito” ali. As imagens que brotaram da inserção são puro manifesto – ainda que um manifesto lírico, um mergulho no cotidiano, um lugar onde hoje os antigos ocupantes, hoje moradores, gostam de estar. A “23” é a casa deles – eles não param de nos contar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006 (Coleção Comunicação).

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. Maria Lúcia Pereira. 8.<sup>a</sup> Ed. Campinas: Papirus, 2010.

BOLETIM CASA ROMÁRIO MARTINS. **Cohab-CT**: 41 anos de planejamento e realizações. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 30, n.º 133, 2006.

BONI, Paulo César (org.). **Fotografia**: usos, repercussões e reflexões. Londrina (PR): Midiograf, 2014.

BRUM, Eliane. **O olho da rua**: um repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Ed. Globo, 2008.

DAVIS, Mike. **Planeta favela**. Trad. Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2006.

FERNANDES, José Carlos. Depois de duas décadas, três vilas de Curitiba conseguem regularização. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 25 abr. 2015, Vida e Cidadania, p. 4.

FERRARA, Lucrécia D'Allessio. DUARTE, Fábio. CAETANO, Kati Eliana. **Curitiba**: do modelo à modelagem. São Paulo: Annablume; Curitiba: Champagnat, 2007.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 3.<sup>a</sup> Ed. revista e ampliada. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Tradução Rubens Eduardo Frias. 5.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2001.

LOBATO, Elvira. **Instinto de repórter**. São Paulo: Publifolha, 2005.

MARTINS, José de Souza. **Uma sociologia da vida cotidiana**: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre. São Paulo: Contexto, 2014.

MAURO JÚNIOR. PONTE, José Roberto de. **Lugar de repórter ainda é na rua**: o jornalismo de Ricardo Kotscho. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Ed. Contexto, 2002 (Coleção Comunicação).

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Ed. Contexto, 2007.

RAMOS, Sílvia. PAIVA, Anabela (orgs.). **Mídia e violência**: novas tendências na Cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro: Iuperj, 2007.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis (RJ): Vozes, 2009.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Volume II, 2.<sup>a</sup> Ed. Florianópolis (SC): Ed. Insular, 2008.